

# Fantasmagorias de borracha



Cinema peruano se impõe no Fórum, ala mais experimental do Festival de Berlim, com o ensaio

documental 'La Memoria De Las Mariposas', sobre o mercado seringueiro

Por Rodrigo Fonseca

Especial para o Correio da Manhã

**N**uma alquimia de inquietudes, a produtora Isabel Madueño Medina e a cineasta Tatiana Fuentes Sadowski apelam para o substantivo “constância” para traduzir o requisito de quem sonha viver profissionalmente de cinema no Peru. Só com empenhos constantes, na busca por apoios e fontes de materiais iconográficos ou audiovisuais planeta afora, elas foram capazes de tirar “La Memoria De Las Mariposas” do papel. A Berlinale, em sua 75ª edição, reconheceu os esforços da dupla, abraçando esse experimento documental como um dos achados de seu Fórum.

É lá que nascem os filmes “inclassificáveis” na fricção sinestésica de texturas e sons. A expressão estética delas carrega uma bandeira política – na forma de processar registros em Super-8 – ao abordar a violência histórica con-

tra os povos indígenas peruanos. Pode-se dizer que o continente latino todo está refletido na forma como Tatiana processa símbolos ligados à extração da borracha na América do Sul.

“Os fantasmas que povoam o filme não são marcas da borracha, mas, sim, das elites que nos exploraram”, explica Tatiana ao Correio da Manhã. “Algumas instituições nos cederam seus acervos de memória para a construção da narrativa, que queremos levar para as populações que integram o circuito de exploração que mostramos”.

Diretora de “La Huella” (2012), Tatiana teve sua atenção capturada por uma foto antiga de dois homens indígenas levados a Londres para serem “civilizados” por volta da virada do século XX. Seus nomes eram conhecidos - Omarino e Aredomi – mas pouco ou quase nada se sabia sobre eles. Por isso, Tatiana sentiu-se compelida a se aprofundar no passado da dupla – e de sua pátria. O que faz em “La Memoria De Las Mariposas” é



**A produtora Isabel Madueño Medina e a diretora Tatiana Fuentes Sadowski levam 'La Memoria de las Mariposas' à Berlinale 2025**

desconstruir a história oficial do comércio extrativista e colonial borracheiro no final do século XIX e início do século XX.

“Uma fotografia é um arquivo e todo arquivo é uma porta aberta para uma investigação, que não precisa de objetividade, mas se comporta como evidência”, diz Tatiana, que rodou o longa com um orçamento estimado

em US\$180 mil. “Todo arquivo é um espectro”.

Ela compartilha seus achados sobre Omarino e Aredomi com os descendentes deles e filma suas intervenções. O êxito de “La Memoria De Las Mariposas” na Berlinale demarca a força documental peruana no planisfério cinéfilo. “Ainda sofremos na demora dos fundos e lidamos com um estado que quer censurar temas, para evitar assuntos espinhosos”, explica Isabel Madueño Medina, que cuidou da produção. “Vimos aqui com um filme que gera debate.

A 75ª Berlinale segue até o dia 23.

## Excelência pós-‘Parasita’

Warner Bros



**Robert Pattinson numa das encarnações de Mickey Barnes**

Passaram-se seis anos desde que Bong Joon Ho voltasse às telas depois de ganhar a Palma de Ouro e quatro Oscars com “Parasita” (2019), mas a espera por seu regresso valeu cada segundo a julgar pela inventividade que o diretor sul-coreano esbanjou na Berlinale com “Mickey 17”. Já de estreia marcada no Brasil, para o dia 6 de março, a superprodução é uma ficção científica que põe o atual Batman, o inglês Robert Pattinson, para contracenar consigo mesmo.

“Trouxe algumas referências dos animes japoneses para criar esse personagem”, disse o ator ao Correio da Manhã, numa coletiva inchada de gente.

Bong criou o filme com base no romance “Mickey7”, de Edward Ashton. O enredo que vem da literatura fala da confusão

em que o falido Mickey Barnes (papel de Pattinson) se mete ao aceitar viajar para o mundo gelado de Niflheim, como expendable (descartável). O termo é usado para colonizadores que aceitam se submeter a um processo de clonagem, tratado como “impressão”, a partir do qual corpos são reproduzidos, sem defeitos, preservando a memória do organismo antecessor.

Em meio a esse processo, no qual várias “cópias” dão defeito, o 17º clone de Mickey vinga e acaba por se envolver num levante contra um político (Mark Ruffalo) empenhado em erradicar as criaturas (em forma de ácaros gigantes) de Niflheim. O humor é contagiante na atuação de Pattinson, que contracena consigo mesmo. (R.F.)